

VALERIA LUISELLI

A história dos meus dentes

TRADUÇÃO

Paulina Wacht e Ari Roitman

ALFAGUARA



Copyright © 2013, 2015 by Valeria Luiselli
Copyright do “Livro VII: As cronológicas” © 2015 by Christina MacSweeney

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La historia de mis dientes

Capa

Celso Longo

Foto de capa

Michael Ochs Archives/ Getty Images

Preparação

Breno Barreto

Revisão

Isabel Jorge Cury

Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Luiselli, Valeria

A história dos meus dentes / Valeria Luiselli ;
tradução Paulina Wacht e Ari Roitman. – 1ª ed. – Rio
de Janeiro : Alfaguara, 2016.

Título original: *La historia de mis dientes*

ISBN 978-85-5652-015-9

I. Romance mexicano I. Título.

16-04070

CDD-m863

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura mexicana m863

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Para a equipe da fábrica Jumex

Sumário

Livro I: A história (princípio, meio, fim)	9
Livro II: As hiperbólicas	33
Livro III: As parabólicas	61
Livro IV: As circulares	83
Livro V: As alegóricas	101
Livro VI: As elípticas	121
Livro VII: As cronológicas	143
Epílogo	157

LIVRO I: A HISTÓRIA (PRINCÍPIO, MEIO, FIM)

Um homem pode se chamar John porque esse era o nome de seu pai; uma vila pode se chamar Dartmouth porque está situada na embocadura do rio Dart. Não há, porém, nada na significação da palavra John que implique que o pai da pessoa assim chamada também possua esse nome; tampouco na palavra Dartmouth, para que essa vila esteja situada na desembocadura do rio Dart.

J. S. MILL

Sou o melhor leiloeiro do mundo. Mas ninguém sabe disso porque sou um homem comedido. Meu nome é Gustavo Sánchez Sánchez, e todos me chamam, creio que carinhosamente, de Estrada. Posso imitar Janis Joplin depois de duas cubas-libres. Sei interpretar biscoitos chineses da sorte. Posso colocar um ovo de galinha em pé numa mesa, como fazia Cristóvão Colombo na famosa anedota. Sei contar até oito em japonês: ichi, ni, san, shi, go, roku, shichi, hachi. Sei boiar de costas.

Esta é a história dos meus dentes. É meu ensaio sobre os colecionáveis e o valor inconstante dos objetos. Primeiro vêm o princípio, o meio e o fim, como em qualquer história. O resto, como um amigo meu sempre diz, é literatura: hiperbólicas, parabólicas, circulares, alegóricas e elípticas. E depois não sei mais o que vem. Possivelmente a ignomínia, a morte e, mais tarde, a fama post mortem. Mas sobre isso não terei que dizer mais nada em primeira pessoa. A essa altura serei um homem morto, um homem feliz e invejável.

Há homens com sorte e há homens com carisma. Eu tenho um pouco dos dois. Meu tio Solón Sánchez Fuentes, vendedor de gravatas italianas de qualidade, dizia que a beleza, o poder e o sucesso prematuro se evaporam e são uma carga pesada para quem os possui, porque a perspectiva de perdê-los é um fardo que pouca gente pode suportar. Esse tipo de preocupações não me aflige porque nunca tive qualidades efêmeras. Só as permanentes. Do meu tio Solón herdei até a última gota que lhe restava de carisma, e também uma gravata elegante, que é a única coisa, como ele dizia, necessária na vida para ser um homem com pedigree.

Nasci em Pachuca, a Bela Faceira, com quatro dentes prematuros e o corpo todo coberto por uma camada muito fina de

penugem preta. Mas fico até contente com esse início adverso, porque a feiura, como dizia meu outro tio, Eurípides López Sánchez, forja o caráter. Quando meu pai me viu pensou que seu verdadeiro filho tinha sido levado pela parturiente do quarto ao lado. Tentou de várias maneiras — chantagem, intimidação, burocracia — devolver-me à enfermeira que tinha me trazido. Mas mamãe me recebeu nos braços desde o momento em que me viu: vermelho, inchado e diminuto. Mamãe estava treinada para assumir a porcaria como destino. Papai não.

A enfermeira explicou aos meus pais que a presença dos meus quatro dentes era uma condição estranha no nosso país, mas nada incomum em outras raças. Chamava-se dentição pré-natal congênita.

Que raças, por exemplo?, perguntou meu pai, na defensiva. Caucasianos, senhor, disse a enfermeira.

Mas este menino é mais preto que petróleo, replicou Papai.

A genética, senhor Sánchez, é uma ciência cheia de deuses, disse ela.

Isso deve ter consolado ou intimidado um pouco o meu pai, que afinal se resignou a levar-me no colo para casa, enrolado numa grossa manta de flanela.

Poucos meses depois nos mudamos para Ecatepec. Mamãe ganhava a vida limpando as casas de outras pessoas. Papai não limpava sozinho nem as próprias unhas. Deixava-as duras, ásperas, escuras. Cortava com os dentes. Não por ansiedade; por preguiça e prepotência. Enquanto eu fazia meu dever de casa na mesa, ele as estudava em silêncio, de frente para o ventilador, jogado na poltrona de veludo verde que mamãe herdou do sr. Cortázar, nosso vizinho do 4A que morreu de tétano. Quando os filhos do sr. Cortázar vieram levar os seus pertences, deixaram conosco o papagaio — Critério, que aliás também morreu, creio que de tristeza, poucas semanas depois — e a poltrona de veludo verde em que Papai passou a se refestelar todas as tardes. Absorto, estudava as constelações de umidade do teto, escutava a Rádio Educação e roía as unhas; dedo por dedo.

Começava com a do mindinho. Imprensava uma ponta entre o incisivo central superior e o inferior, separava apenas uma lasca,

e depois arrancava com um puxão a meia-lua de unha pendurada. Depois disso a mantinha na boca por uns instantes, fazia um canudo com a língua e soprava: a unha era disparada e caía em cima do meu caderno escolar. Os cachorros latiam na rua. Eu contemplava o pedaço de unha, morta e suja, a alguns milímetros da ponta do meu lápis. Então desenhava um círculo em volta e continuava fazendo os exercícios, com o cuidado de evitar o círculo. Continuavam a cair unhas do céu em cima do meu caderno Scribe de linhas largas, como se fossem meteoritos propulsados pelo ar do ventilador: anular, médio, indicador e polegar. E depois a outra mão. Eu ia colocando as letras do exercício em volta das pequenas crateras circunferenciadas que as porcarias voadoras de Papai iam deixando na página. Quando terminava o dever, juntava todas as unhas num montinho e guardava no bolso da calça. Depois, no meu quarto, eu as guardava num envelope de papel que deixava embaixo do travesseiro. Minha coleção chegou a ser tão extensa que enchi vários envelopes ao longo da infância. Fim de recordação.

Papai não tem mais dentes. Nem unhas, nem cara: foi cremado há dois anos, e, a seu pedido, mamãe e eu fomos deixar as cinzas na baía de Acapulco. Um ano depois, enterrei mamãe junto a suas irmãs e irmãos na cidade de Pachuca, a Bela Faceira. Está sempre chovendo lá, e quase não há vento. Viajo a Pachuca uma vez por mês para vê-la, normalmente aos domingos. Mas nunca chego até o cemitério, porque tenho alergia a pólen, e há sempre muitas flores lá. Desço do ônibus não muito longe do portão, num bonito passeio adornado com esculturas de dinossauros em tamanho real. Ali fico parado entre aquelas bestas mansas de fibra de vidro, quase sempre me molhando, rezando pais-nossos, até que meus pés incham e me sinto cansado. Depois volto a atravessar a rua procurando pular as poças, redondas como as crateras dos meus cadernos de criança, e espero o ônibus que me leva de volta à estação.

O primeiro trabalho que tive foi na banca de jornal de Rubén Darío, na esquina da rua Aceites com a rua Metales. Eu estava com oito anos e já tinham caído todos os meus dentes de leite. Eles haviam sido substituídos por outros, mais largos que pás, cada um apontando numa direção diferente. A esposa do meu chefe, Azul, foi

minha primeira amiga de verdade, mesmo tendo vinte anos a mais que eu. Seu marido sempre a deixava trancada em casa. Às onze da manhã ele me mandava com um jogo de chaves para ver o que Azul estava fazendo e lhe perguntar se precisava de algo do comércio.

Azul quase sempre ficava deitada na cama só de roupa de baixo, com o sr. Unamuno se esfregando em cima dela. O sr. Unamuno era um velho babão que tinha um programa na Rádio Educação. O programa sempre começava da mesma forma: “Com vocês, Unamuno: modestamente deprimido, simpaticamente eclético, sentimentalmente de esquerda”. Idiota. Quando eu entrava no quarto, o sr. Unamuno dava um pulo, enfiava a camisa para dentro e abotoava a calça todo desajeitado. Eu enquanto isso olhava para o chão e, às vezes, de esguelha, para Azul, que continuava deitada na cama, olhando o teto, passando as pontas dos dedos na barriga nua.

Já vestido e de óculos, Unamuno vinha e me dava um tapa na testa.

Não lhe ensinaram a bater na porta, Cucaracha?

Azul me defendia: ele se chama Estrada e é meu amigo. Depois soltava uma gargalhada ao mesmo tempo profunda e simples, seus caninos desconcertantemente compridos e achatados nas pontas.

Quando o sr. Unamuno por fim se esgueirava, cheio de ansiedade, pela porta traseira, Azul se cobria com o lençol, como se fosse a capa de um super-herói, e me convidava para pular na cama. Quando nos cansávamos de pular, deitávamos e começávamos a brincar de médico. Quando terminávamos, ela me dava um pedaço de pão e um sacolé de água com canudo e me mandava de volta para a banca de jornal. No caminho eu bebia a água e guardava o canudo no bolso da calça, para depois. Cheguei a ter mais de dez mil canudos, palavra de honra.

O que Azul estava fazendo?, perguntava o sr. Darío quando eu voltava para a banca.

Eu a encobria, descrevendo alguma atividade inocente:

Só estava tentando enfiar a linha numa agulha para lembrar o roupão de batismo do filho de uma prima de segundo grau.

Que prima?

Ela não disse.

Deve ser a Sandra; ou a Berta. Tome aqui uma gorjeta e vá direto para a escola.

Fiz o primário, o secundário, o vestibular e passei despercebido e com boas notas porque sou daqueles que nunca fazem onda. Não abria a boca nem quando diziam meu nome na chamada, e não era por medo de que vissem a minha dentadura torta, mas por comedimento. Aprendi muitas coisas na escola. Fim do princípio.

Quando fiz vinte e um anos me deram um trabalho como segurança numa fábrica em Vía Morelos, acho que por causa desse mesmo comedimento. A fábrica produzia sucos. E os sucos, por sua vez, produziam arte. Ou seja, os lucros que vinham da venda de suco financiavam a maior coleção de arte do continente. Era um bom trabalho. Embora eu fosse responsável apenas por tomar conta da entrada da fábrica e não tivesse permissão para entrar na galeria onde expunham a arte, em certo sentido eu era o guardião de uma coleção de objetos de verdadeira beleza e verdade. Fiquei dezenove anos. Tirando seis meses de licença devido a uma hepatite, três dias por causa de uma cárie nefasta que culminou numa endodontia molar dupla e as semanas que tirei de férias, passei exatamente dezoito anos e três meses como segurança na fábrica. Não foram dias ruins, mas também não foram bons.

Mas um dia qualquer minha sorte mudou, como diz Napoleón, o cantor. No exato dia do meu aniversário de quarenta anos, o Operador de Pasteurização teve um ataque de pânico enquanto atendia um mensageiro da DHL, um senhor enxundioso, de estatura média. A Secretária do Supervisor de Polímeros, que nunca havia presenciado um ataque de pânico, pensou que o mensageiro de estatura média estava agredindo o Operador de Pasteurização, porque este levou as mãos ao pescoço, ficou mais roxo que uma ameixa, entrecerrou os olhos e desabou para trás, deixando-se cair com as pernas bambas.

O Gerente de Serviços aos Clientes me gritou que fosse interceptar o mensageiro de estatura média. Atendi à ordem e avan-

cei em direção ao suposto criminoso. Meu velho amigo e colega, o Cachorro, um dos motoristas da fábrica, estava entrando pela porta bem nesse momento e correu para me ajudar a deter o mensageiro de estatura média. Bati com a ponta do varapau no topo das nádegas deste — nem sequer muito forte — e então o pobre homem começou a chorar inconsolavelmente. O Cachorro, que não é nenhum sádico, soltou-o. Enquanto eu o puxava pela orelha em direção à porta de saída pedi a ele, já num tom mais gentil, que se identificasse. Com uma das mãos para cima, enfiou a outra no bolso e puxou uma carteira. Depois, com a primeira, tirou a carteira de motorista e me entregou, incapaz de me olhar nos olhos: Avelino Lisper — um nome ridículo. Então o Gerente de Serviços aos Clientes me mandou voltar imediatamente para acudir o colega moribundo, porque o Operador de Pasteurização continuava estendido no chão sem respirar. Eu disse ao mensageiro de estatura média que ele podia ir embora — mas ele ficou ali parado, chorando, pode-se dizer que debulhado em lágrimas — e corri em direção do Operador de Pasteurização, abrindo passagem entre os curiosos com a ponta do varapau. Quando cheguei me ajoelhei ao seu lado, peguei-o nos braços e, por falta de solução melhor, fiquei segurando-o em silêncio até que saiu da crise de pânico. O Cachorro, enquanto isso, se dispôs a consolar o mensageiro da DHL até que ele também se acalmasse.

No dia seguinte, o Gerente da fábrica me chamou à sua sala e me comunicou que eu ia ser promovido.

Os seguranças são funcionários de segunda categoria, confidenciou-me, e você é um homem de primeira categoria.

Por determinação da diretoria, a partir desse momento eu teria uma mesa e um escritório próprios, e meu trabalho consistiria em consolar os funcionários que necessitassem consolo.

O senhor vai se ocupar do Controle de Crise de Pessoal da empresa, disse-me o Gerente, com o sorriso ligeiramente sinistro daquelas pessoas que foram muitas vezes ao dentista.

Passaram-se duas semanas, e como o Operador de Pasteurização estava de licença temporária, na verdade não havia ninguém na fábrica que necessitasse consolo. Havia chegado um novo segurança, um gordinho metido a simpático de nome Hochimin e que passa-

va o dia todo tentando puxar conversa com as pessoas. Discrição é uma qualidade que poucos apreciam. Eu o observava com desdém do meu novo escritório. Tinham-me dado uma cadeira giratória de altura regulável e uma escrivaninha com uma gaveta em que havia uma coleção excelente de elásticos e cliques. Todos os dias eu guardava um elástico e um clipe no bolso da calça e levava para casa. Cheguei a ter uma boa coleção.

Mas nem tudo eram pétalas de veludo e nuvens de marshmallow, como diz Napoleón. Alguns funcionários da fábrica, em particular o Gerente de Serviços aos Clientes, começaram a reclamar que agora me pagavam para eu ficar cortando as unhas e contemplando o teto. Alguns funcionários chegaram a elaborar uma teoria segundo a qual o Operador de Pasteurização e eu tínhamos feito aquele teatrinho só para que ele ganhasse um mês de descanso remunerado e eu fosse promovido — típicas patranhas e enganos de miseráveis que não suportam a sorte dos outros. Após uma deliberação, o Gerente determinou que me mandassem fazer cursos de especialização, com o objetivo de me manter ocupado e de quebra adquirir habilidades para lidar com as crises periódicas do pessoal da fábrica.

Assim comecei a viajar. Tornei-me um homem do mundo. Fiz cursos e oficinas ao longo de toda a República e até do Continente. Digamos que virei um colecionador de cursos: Primeiros Socorros, Controle da Ansiedade, Nutrição e Hábitos Alimentares, Escuta e Comunicação Assertiva, Criatividade Administrativa, dos, Novas Masculinidades, Neurolinguística. Foi uma época de ouro. Até que se acabou, como tudo o que é bonito e belo. O princípio do fim começou com um curso que tive que fazer na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional. Era ministrado pelo filho do Gerente, de modo que eu não podia me recusar a fazer o curso sem pôr o meu emprego em risco. Aceitei. O curso se chamava — para meu horror, vergonha e desconcerto — “Dança Contact-Impro”.

O primeiro exercício da oficina consistiu em inventar uma coreografia, em duplas. Minha parceira era uma tal de Magra, que, embora fosse realmente magra, não era bonita mas também não era feia. Essa Magra me usou como poste, dançando à minha volta ao

estilo daquela curvilínea e exótica artista dos anos 1960, Tongolele, enquanto eu ficava estalando os dedos para tentar seguir aquele ritmo tão difícil da canção, coisa que ela ignorava completamente. Ela deslizava as mãos pelo meu corpo, passava os dedos pelo meu cabelo, ia desabotoando a camisa. Eu continuei estalando os dedos aplicadamente, sem perder o ritmo. Quando a canção acabou, a Magra estava na flor da sua feminilidade, e eu completamente deflorado, transformado em dançarino contact-impro, em pé e seminu num salão de parquê da Faculdade de Filosofia e Letras, com os testículos do tamanho de dois axolotles. Fim da recordação.

Para salvar minha honra, não tive outra saída a não ser me casar com a Magra alguns meses depois. Etc. etc., e ela engravidou. Larguei meu trabalho na fábrica de sucos porque a Magra achava que eu não devia desperdiçar meu talento natural para a dança, e talvez o teatro. Eu me tornei seu projeto pessoal, seu serviço social, sua contribuição para a nação. A Magra tinha estudado num desses colégios católicos só para meninas, e era tão pervertida quanto qualquer uma daquelas mexicanas brancas e riquinhas. Mas ela tinha se rebelado, ou pelo menos era o que dizia, e estava estudando para se tornar budista. Como tinha economizado boa parte dos seus ganhos (mentira: eram as economias do pai), ela se ofereceu para me sustentar caso aquela coisa de dança e teatro não se mostrasse particularmente lucrativa. Eu me sentia pronto para compactuar. Mudei-me para seu apartamento exageradamente grande em Polanco e passei a viver a vida de um príncipe. E então, como sempre acontece, ao fim de um tempo bastante curto, a Magra virou uma gorda.

Por mais *élan* que eu tivesse e apesar da perfeição material da minha corporalidade, não consegui trabalho como bailarino de dança contemporânea, nem como ator. Fiz testes na companhia Ícaro Caído, na Dimensão Alternativa, na Raça Cósmica, e até no grupo Espaço Aberto, que, como diz o nome, é muito aberto e aceita todo mundo. Nada. Quase me aceitam no FolclorArte, mas afinal quem ficou com a vaga foi um tampinha com corpo de lombriga chamado, pretensiosa e ridiculamente, Brendy.

Passei um tempo, como diz Napoleón, feito lenha verde que não acende e árvore que não cria raiz. Magra decidiu que eu pre-